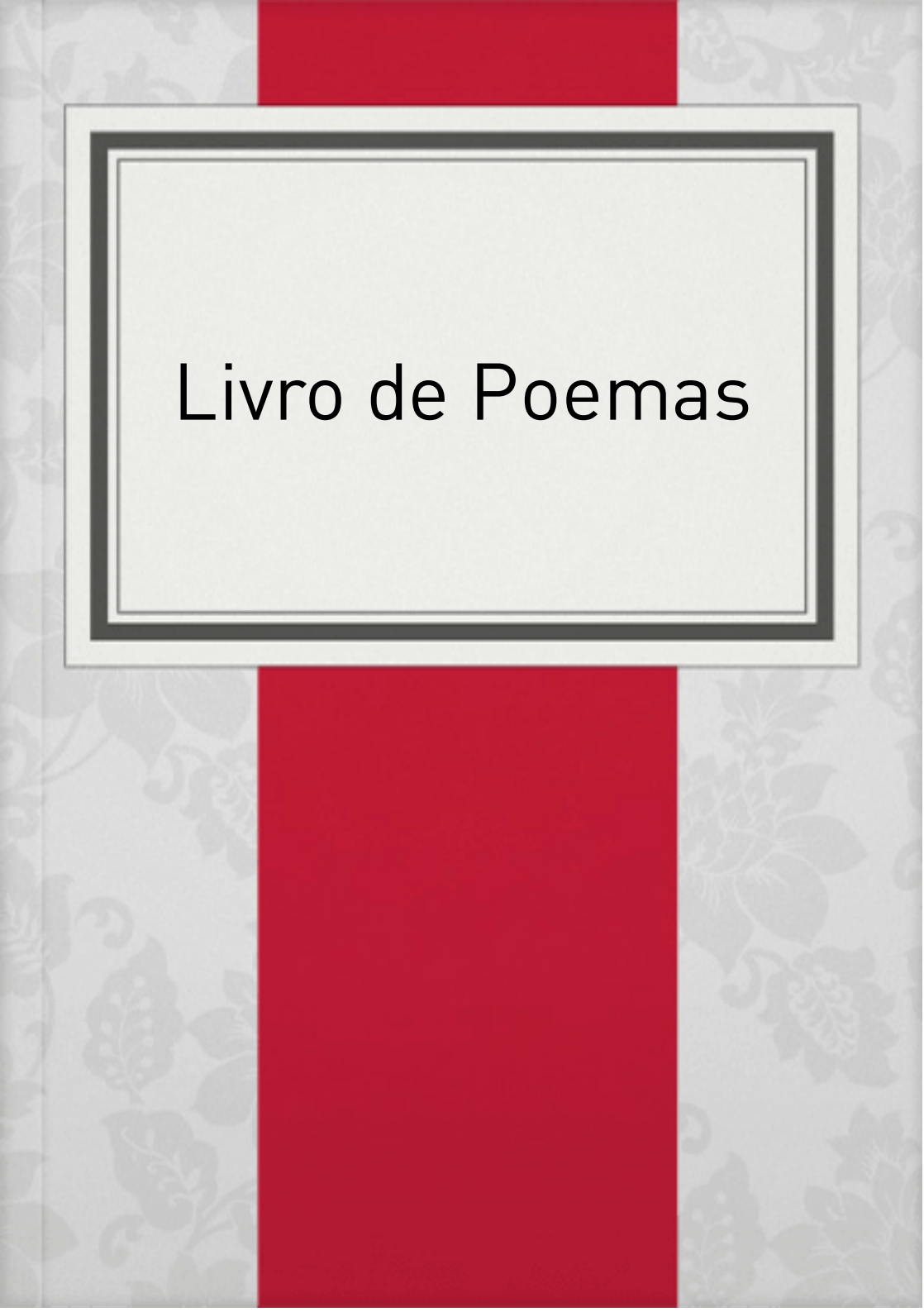


The book cover features a light gray background with a subtle, repeating floral pattern. Two thick, solid red vertical stripes run down the center, one on the left and one on the right, framing a central white rectangular area. This white area is enclosed by a double-line black border. The title 'Livro de Poemas' is centered within this white area in a black, sans-serif font.

# Livro de Poemas

Neste livro está contido poemas da literatura brasileira, desde o Quinhentismo ao Modernismo do ano de 1500 ao de 1922.

## **Quinhentismo: (Jesus na Manjedoura)**

- Que fazeis, menino Deus,  
Nestas palhas encostado?
- Jazo aqui por teu pecado.
  
- Ó menino mui formoso,  
Pois que sois suma riqueza,  
Como estais em tal pobreza?
  
- Por fazer-te glorioso  
E de graça mui colmado,  
Jazo aqui por teu pecado.
  
- Pois que não cabeis no céu,  
Dizei-me, santo Menino,  
Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu,  
Em que jazo embrulhado,  
Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém,  
Pois sois Deus de eternidade,  
Quem vos fez de tal idade?

- Por querer-te todo o bem  
E te dar eterno estado,  
Tal me fez o teu pecado.

Pe. José de Anchieta

## **Literatura de Informação:**

### **(Meus Mortos)**

Os meus mortos não morreram,  
Porque meus mortos não morrem...  
Meus mortos seguem comigo,  
Mais vivos do que meus vivos...

Caminham no meu caminho,  
Choram meus prantos comigo,  
Cantam as mesmas cantigas  
Que comigo já cantaram...  
Meus mortos não morrem nunca,  
Vivemos na mesma vida!

Às vezes quero chorar  
A saudade inexorável,  
Mas descubro de repente  
Que meus mortos não morreram,  
Que meus mortos estão vivos!

José de Anchieta Batista

## **Barroco:**

### **(Inconstância das Coisas do Mundo)**

Nasce o Sol e não dura mais que um dia,  
Depois da Luz se segue a noite escura,  
Em tristes sombras morre a formosura,  
Em contínuas tritezas e alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?  
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?  
Como a beleza assim se transfigura?  
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz falta a firmesa,  
Na formosura não se dê constancia,  
E na alegria sinta-se a triteza,

Começa o mundo enfim pela ignorância,  
E tem qualquer dos bens por natureza.  
A firmeza somente na incostância.

Gregório de Matos

## **Arcadismo:**

### **(Morte, Juízo, Inferno e Paraíso)**

Em que estado, meu bem, por ti me vejo,  
Em que estado infeliz, penoso e duro!  
Delido o coração de um fogo impuro,  
Meus pesados grilhões adoro e beijo.

Quando te logro mais, mais te desejo;  
Quando te encontro mais, mais te procuro;  
Quando mo juras mais, menos seguro  
Julgo esse doce amor, que adorna o pejo.

Assim passo, assim vivo, assim meus fados  
Me desarreigam da alma a paz e o riso,  
Sendo só meu sustento os meus cuidados;

E, de todo apagada a luz do siso,  
Esquecem-me (ai de mim!) por teus agrados  
Morte, Juízo, Inferno e Paraíso.

Manoel Maria du Bocage

## **Romantismo:**

### **(Coisa Amar)**

Contar-te longamente as perigosas coisas do mar.

Contar-te o amor ardente

e as ilhas que só há no verbo amar.

Contar-te longamente.

Amor ardente. Amor ardente. E mar.

Contar-te longamente as misteriosas

maravilhas do verbo navegar.

E mar. Amar: as coisas perigosas.

Contar-te longamente que já foi num tempo doce  
coisa amar. E mar. Contar-te longamente como dói.

Desembarcar nas ilhas misteriosas.

Contar-te o mar ardente e o verbo amar.

E longamente as coisas perigosas.

Manuel Antonio de Almeida

## **Realismo: (Saudade)**

Saudade é solidão acompanhada,  
é quando o amor ainda não foi embora,  
mas o amado já...

Saudade é amar um passado que ainda não passou,  
é recusar um presente que nos machuca,  
é não ver o futuro que nos convida...

Saudade é sentir que existe o que não existe mais...

Saudade é o inferno dos que perderam, é a dor dos que  
ficaram para trás, é o gosto de morte na boca dos que  
continuam...

Só uma pessoa no mundo deseja sentir saudade:  
aquela que nunca amou.

E esse é o maior dos sofrimentos: não ter por quem  
sentir saudades, passar pela vida e não viver.

O maior dos sofrimentos é nunca ter sofrido.

Pablo Neruda

## **Naturalismo:**

### **(Meu Desejo)**

Meu desejo? era ser a luva branca Que essa tua gentil  
mãozinha aperta:

A camélia que murcha no teu seio,  
O anjo que por te ver do céu deserta....

Meu desejo? era ser o sapatinho  
Que teu mimoso pé no baile encerra....

A esperança que sonhas no futuro,  
As saudades que tens aqui na terra....

Meu desejo? era ser o cortinado  
Que não conta os mistérios do teu leito;  
Era de teu colar de negra seda  
Ser a cruz com que dormes sobre o peito.

Meu desejo? era ser o teu espelho  
Que mais bela te vê quando deslaças  
Do baile as roupas de escomilha e flores  
E mira-te amoroso as nuas graças!

Meu desejo? era ser desse teu leito  
De cambraia o lençol, o travesseiro  
Com que velas o seio, onde repousas,  
Solto o cabelo, o rosto feiticeiro....

Meu desejo? era ser a voz da terra  
Que da estrela do céu ouvisse amor!  
Ser o amante que sonhas, que desejas  
Nas cismas encantadas de langor!

Álvares de Azevedo

## **Parnasianismo: (Vaso Grego)**

Esta de áureos relevos, trabalhada  
De divas mãos, brilhante copa, um dia,  
Já de aos deuses servir como cansada,  
Vinda do Olimpo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Teos que o suspendia  
Então, e, ora repleta ora esvasada,  
A taça amiga aos dedos seus tinha,  
Toda de roxas pétalas colmada.

Depois... Mas, o lavor da taça admira,  
Toca-a, e do ouvido aproximando-a, às bordas  
Finas hás de lhe ouvir, canora e doce,

Ignota voz, qual se da antiga lira  
Fosse a encantada música das cordas,  
Qual se essa voz de Anacreonte fosse.

Alberto de Oliveira

## **Simbolismo:**

### **(Ismália)**

Quando Ismália enlouqueceu,  
Pôs-se na torre a sonhar...  
Viu uma lua no céu,  
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,  
Banhrou-se toda em luar...  
Queria subir ao céu,  
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,  
Na torre pôs-se a cantar...  
Estava longe do céu...  
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu  
As asas para voar...  
Queria a lua do céu,  
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu  
Ruflaram de par em par...  
Sua alma, subiu ao céu,  
Seu corpo desceu ao mar...

Alphonsus de Guimaraens

## **Pré-mordenismo: (Amor Algébrico)**

Acabo de estudar – da ciência fria e vã,  
O gelo, o gelo atroz me gela ainda a mente,  
Acabo de arrancar a fronte minha ardente  
Das páginas cruéis de um livro de Bertrand.

Bem triste e bem cruel decerto foi o ente  
Que este Saara atroz – sem aura, sem manhã,  
A Álgebra criou – a mente, a alma mais sã  
Nela vacila e cai, sem um sonho virente.

Acabo de estudar e pálido, cansado,  
Dumas dez equações os véus hei arrancado, Estou  
cheio de spleen, cheio de tédio e giz.

É tempo, é tempo pois de, trêmulo e amoroso,  
Ir dela descansar no seio venturoso  
E achar do seu olhar o luminoso X.

Euclides da Cunha

## **Modernismo:**

### **(Erro de Português)**

Quando o português chegou  
Debaixo duma bruta chuva  
Vestiu o índio  
Que pena!  
Fosse uma manhã de sol  
O índio tinha despido  
O português.

Oswald de Andrade